

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA DESDE OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL TENDO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA O GÊNERO LITERÁRIO.

Viviane Sousa¹

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo observar como a escola contemporânea, por meio da literatura, trabalha com as práticas de leitura e como esta poderá contribuir na melhoria da habilidade de interpretação de textos e na formação de leitores proficientes. Visando atingir os objetivos propostos, utilizamos como método de estudo a abordagem de pesquisa qualitativa. Nesta pesquisa foi utilizada a observação participante, com questionários abertos e fechados direcionados a professores e alunos das séries iniciais. Nós diagnosticamos que, quando o professor compreende a importância da literatura e faz dela uma ferramenta de trabalho constante e criativa, propicia ao aluno oportunidade para melhor desempenho na leitura e em outras áreas do processo ensino aprendizagem. Nossos resultados indicam que a contribuição dos pais e professores neste processo é fundamental tanto para o desenvolvimento das necessidades cognitivas dos educandos quanto para a formação integral da pessoa. Através do entusiasmo que a criança adquire pela literatura outros interesses surgirão com relação ao código escrito, desenvolvendo potencialidades, habilidades e competências para dar significado ao mundo real por meio da imaginação.

PALAVRAS CHAVE: Literatura; Leitura; Educandos.

ABSTRACT:

This work aims to observe how contemporary school, through literature, works with the reading practices and how this can contribute towards improving the interpretation of texts skill and training of proficient readers. In order to achieve the proposed objectives, we use as a study method the qualitative research approach. In this research we used the participant observation, with open and closed questionnaires aimed at teachers and students of the initial series. We diagnosed that when the teacher understands the importance of literature and makes it a constant and creative work tool, provides the opportunity to better student performance in reading and in other areas of teaching learning process. Our results indicate that the parental contribution and teachers in this process is essential both for the development of cognitive needs of students and to the integral formation of the person. Through the enthusiasm that the child acquires the literature other interests arise in relation to writing code, developing potential, skills and expertise to give meaning to the real world through imagination

KEY-WORDS: Literature; Reading; Students.

1- Graduada em Pedagogia. E-mail: viviane.sousa10@gmail.com

1. A LITERATURA: UM OLHAR SOBRE A TEORIA E A SUA IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA

O objetivo deste artigo foi observar como a escola contemporânea, através do gênero literatura, trabalha com as práticas de leitura e como esta poderá contribuir na melhoria da habilidade de interpretação de textos e concomitantemente na formação de leitores proficientes.

Os livros de literatura infantil, devido a vários fatores, estão cada vez mais distantes da sala de aula. As mudanças desenfreadas que vem ocorrendo na sociedade, principalmente marcadas pelo avanço tecnológico tem causado preocupação nas instituições escolares com relação ao hábito da leitura. Mediante tais colocações as crianças estão cada vez mais distante de adquirir o hábito de ler, talvez por falta de motivação e incentivo. A leitura é primordial na formação humana, pois através dela, o aluno tem oportunidade para criar e recriar, fazer descobertas, resolver problemas e compreender o mundo. Nesta linha de raciocínio, Souza afirma que:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (SOUZA, 1992, p. 22).

Diante desses fatos, nota-se que a escola tem dificuldade em fazer uso da literatura como objeto de leitura.

Sabe-se que nas séries iniciais do ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao sucesso ou fracasso escolar, tem sido a questão da leitura significativa, em que o aluno saiba codificar e decodificar, ou seja, compreender, interpretar, inferir, perceber o que está explícito no texto e nas entrelinhas do texto, transformando a informação adquirida em conhecimento e ideias novas, consiste então na junção da compreensão do que se lê com o conhecimento de mundo que trazemos resultando assim numa aprendizagem prazerosa e duradoura. A falta de capacidade de leitura e a não competência na habilidade de escrita é apontado como uma das maiores dificuldades encontradas pelos

alunos no ambiente escolar, na maioria das disciplinas, uma vez que quanto menos se lê, menor será a desenvoltura da criança no processo da escrita.

Trabalhar com leitura é uma tarefa complexa e gradativa, e, ao mesmo tempo prazerosa e relevante, uma vez que oportunizará a aprendizagem que servirá para a construção de sujeitos autônomos concatenados em uma nação cada vez mais exigente devido às constantes transições ocorridas na sociedade. Não existem receitas pedagógicas prontas e acabadas para serem aplicadas às escolas, visto que o ser humano é um ser inacabado e inconcluso, é necessário desenvolver estratégias e metodologias alternativas atrativas a todo instante por parte dos profissionais da educação conjuntamente com os discentes.

De acordo com Cademartori (1991, p.23)

a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceito e a autonomia do pensamento.

Para aprender a ler, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal e associá-lo a sua bagagem cultural de mundo: ele precisa compreender não só o que as palavras impressas no papel representam, mas saber interpretar e inferir de que forma ela apresenta graficamente a linguagem, para que possa fazer o uso da língua em diferentes situações, por que ler, ou seja, codificar as palavras é considerado tarefa fácil, difícil é decodificar estas palavras, quer dizer, compreender o que está lendo, fazer uso da língua com a finalidade de uma função social.

As definições de Zilberman (2003, p.25) afirma que:

Preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se trate de produções oriundas de necessidades sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atuação sobre o recebedor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente a seus efeitos.

Assim a razão de ser das propostas de uso constante de leitura são a expressão e a comunicação por meio de textos e não avaliação da correção do produto. A literatura é a arte da palavra, carregada de significados. Ler é interpretar. Tanto a autor quanto o leitor, partindo das experiências sociais em que vivem cria e recria a realidade, através da imaginação de forma individual para que se tenha uma interpretação social.

O início da literatura infantil pode dizer que foi marcado com o francês Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho), por volta de 1628 e 1703. Seguido de outros escritores de renome como os alemães Irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), o dinamarquês Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Carrol (Alice no país das maravilhas), o escocês Barrie (Peter Pan), o americano Baum (O mágico de Oz), constituindo assim em padrões de literatura infantil. No Brasil, o grande destaque da literatura infantil foi Monteiro Lobato (Sítio do pica pau amarelo).

O século XVIII foi uma época marcada por grandes mudanças na sociedade, repercutindo no âmbito artístico. Os primeiros livros infantis foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes deste período, os livros não eram escritos para as crianças, uma vez que, não existia “infância”. A criança era concebida, nesta época, como um miniadulto em potencial e a literatura era um importante instrumento didático para maturação deste miniadulto. Os livros geralmente retratavam e, na maioria das vezes, condenavam usos e costumes que a sociedade impunha. Frisavam muito a natureza e a sociedade e os comportamentos adequados para nela viver.

Mediante as diversas mudanças ocorridas no decorrer dos anos, a concepção sobre literatura infantil sofreu várias transformações. Antigamente o ensino de literatura infantil era voltado a um caráter moral, destinado a passar conceitos e normas de condutas sociais, poucas eram as crianças que tinham acesso a esse ensino. Esse acontecimento se deu em um momento de ascensão da burguesia, num momento de transição. Tratava-se de um ato meramente pedagógico. No mundo contemporâneo, a literatura infantil foi muito além desta idéia de passar apenas conhecimento de grandes autores e obras da época e é vista como um forte aliado na compreensão do mundo, pois o autor através do fictício, da imaginação e da fantasia escreve um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo, aliando teoria à prática. Sendo neste processo, necessário o desenvolvimento de estratégias e metodologias pertinentes e interessantes. Como afirma Cademartori (1994, p. 23):

a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

Infelizmente, a nossa realidade não promove esta emancipação. Dentro no âmbito escolar, encontram-se leitores capazes apenas de baixa capacidade de decodificar textos e com grande dificuldade de compreensão do que foi lido. Segundo pesquisas, o Brasil é o país que menos forma leitores críticos, isto porque poucas crianças tem o hábito de ler em nosso país. As crianças deveriam ter o contato com a literatura desde antes da alfabetização, nem que fosse por alguns minutos por dia, uma vez que quando pequenas, elas não possuem o hábito de ficarem quietas por muito tempo, porém já seria de grande importância para a formação do indivíduo que os pais lessem para ele e que ele pudesse manusear livros, revistas, folheando e observando as gravuras, etc.

De acordo com Charmeux (2000, p. 88):

Ensinar leitura, portanto, é colocar em funcionamento um comportamento ativo, vigilante, de construção inteligente de significação, motivado por um projeto consciente e deliberado, e isto desde o próprio início da escolaridade das crianças, e mesmo antes que elas cheguem à escola.

No entanto, a maioria tem o primeiro encontro com a obra literária apenas quando chega à escola, tornando-se assim, uma obrigação, tanto para os alunos quanto para o professor. O aluno por não conhecer e possuir o hábito da leitura e quando vem a praticar tal atividade, o faz sem nenhum interesse e motivação. O professor, por vários fatores que podem acarretar sérios danos a ele e ao aluno no decorrer de sua trajetória. Podemos apontar que o professor pode não gostar de trabalhar com a literatura infantil ou desconhecer técnicas que ajudarão a dar compreensão às histórias e a produção de conhecimentos.

O professor, ao trabalhar com literatura infantil em sala de aula, precisa conhecer as necessidades e dificuldades dos alunos, pois, “só podemos aprender a ler tendo necessidade do que lemos, seja para agir, seja para nos distrair ou sonhar” (CHARMEUX, 2000, p. 89), levando em consideração o gosto e a faixa etária em que a criança se encontra. Um livro

traz inúmeras possibilidades de aprendizagens, bastando para a concretização deste ensino, que o professor saiba adotar critérios e estratégias dentro da sala de aula, oferecendo aos alunos oportunidades de aprenderem a ler usando procedimentos que os façam buscar significados nas entrelinhas, para que se torne um trabalho enriquecedor, interessante e prazeroso de ser estudado.

Segundo assertiva de Faria (2004, p. 21):

Daí a grande importância de o professor ter uma formação literária básica para saber analisar os livros infantis, selecionar o que pode interessar às crianças num momento dado e decidir sobre os elementos literários que sejam úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que a criança já traz de sua pequena experiência de vida.

As escolhas, tanto do livro como o quê e como trabalhar esse instrumental literário são de maior importância.

As estratégias literárias desenvolvidas pelo professor precisam ultrapassar as ações pedagógicas, estimulando a curiosidade e a imaginação, sendo necessário, por conseguinte, crer na competência cognitiva da criança. Partindo deste princípio, Bettelheim (1996, p. 13) constata que:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções: estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades.

Quando a criança acessa diversos textos numa interação dialógica, possibilita seu entendimento do mundo e aos poucos a construção, através de uma aprendizagem significativa, de seu próprio conhecimento.

O professor deve fazer com que o aluno aprenda a ler, o que na verdade é um ato característico do ser humano, e que fomente o gosto pela leitura de forma natural e compreenda o que se lê, para saber aplicar seu conhecimento nos diferentes contextos sociais e formais e informais.

Nas trilhas desse mesmo entendimento Paulo Freire (1997, p. 20), afirma que:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que

se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade.

É através da leitura crítica e reflexiva que podemos formar nossa visão frente a realidade na qual vivemos, opinar, refletir, tomar nossas próprias decisões e solucionar os nossos problemas de forma democrática. A literatura sendo uma arte de criar e recriar o mundo: a imaginação, as trocas de opiniões, as reflexões e conclusões devem seguir concatenadas, uma vez que sonho, fantasia e imaginação se misturam nas vivências do indivíduo para se formar um todo, possibilitando-lhe um acesso mais complexo a realidade por meio da fantasia.

Sabe-se que muitos são os fatores que interferem neste processo dentro do espaço escolar. E é neste âmbito que se passa grande parte do tempo da criança e esse tempo se torna imprescindível, pois é por meio dele que são lançados valores e posturas que influenciarão o modo de ser e de viver da criança e do adulto que ela um dia será. Portanto, a escola é o lugar ideal para trabalhar com a criança, visto que neste ambiente é que se pode desligar de vez a TV, o computador, os jogos e trazer para o aluno o quanto o livro é importante para o desenvolvimento cognitivo, moral e social da criança.

Como descreve Resende (1997, p. 120)

a escola que atua acreditando que é necessário oferecer conhecimentos, informações, técnicas, etc., à mente da criança e do jovem, mas é essencial humanizá-la pela sensibilidade e alargá-la pela imaginação, entende que a cabeça aprende melhor quando é com o coração. [...] A educação que não faz ultrapassar a percepção do absoluto empobrece, limita, aliena e escraviza. Mas a que mostra a relatividade faz a cabeça muito maior, e nela caberá muito mais.

Quando a escola tem uma visão libertadora, condiciona o indivíduo a uma formação humanizadora, com mentes abertas capazes de movimentar a realidade com força transformadora, ampliando horizontes; para isso é preciso uma perspectiva de mudança em todos envolvidos no processo educacional. Dentro desta perspectiva, Zilberman (2003, p. 29-30) assegura que:

A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antônio Cândido (1972, p. 806), o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor... Integrando-se a esse projeto liberador, a escola rompe suas limitações, inerentes à situação com o qual se compromete em sua gênese. É essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferta à educação. Aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento bem comportado, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional.

No entanto, cabe aos profissionais, buscarem nas práticas diárias alternativas para o ensino da leitura e, particularmente, perceberem a importância da literatura na formação pessoal e intelectual do ser humano ainda nas séries iniciais. Para tanto deve buscar recursos pedagógicos capazes de ampliar a relação da criança com o livro, de forma dialógica, a fim de que ela se torne, num futuro próximo, um leitor proficiente e menos manipulado pela sociedade em que está inserido. Como esclarece Kleiman (2004, p. 27):

Na aula de leitura, desde os estágios iniciais, o professor serve de mediador entre o aluno e o autor. Nessa mediação, ele pode fornecer modelos para a atividade global, como pode, dependendo dos objetivos da aula, fornecer modelos de estratégias específicas de leitura, fazendo previsões, perguntas, comentários.

Portanto, o professor precisa definir tarefas cada vez mais complexas e inovar a cada dia, sempre se atualizando com relação aos acontecimentos da sociedade vigente, desenvolvendo estratégias e habilidades motivadoras e inovadoras no processo de se trabalhar a leitura na sala de aula, com o objetivo de permitir ao aprendiz a compreensão da palavra escrita. Ao desenvolver o processo de aproximação do aluno com a leitura, o professor deve estar atento para que o ensino não se torne sem interesse e sem fundamentos, evitando assim o fracasso escolar e até mesmo a evasão escolar. Essas estratégias são, portanto, instrumentos importantíssimos para conduzir os alunos à sua autonomia dentro do processo de aprendizagem.

Quando se fala em aula de leitura, não nos referimos apenas ao professor de Português, uma vez que o uso da língua se dá em diferentes contextos sociais, ou seja, a responsabilidade é dos professores em geral. De acordo com Guedes (2007, p. 17 e 19):

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola... nós, professores de todas as áreas, em vez de choramingar que nossos alunos não têm o hábito da leitura, devemos nos dedicar a proporcionar muitas e muitas oportunidades para que todos descubram que ler é uma atividade muito interessante, que a leitura nos proporciona prazer, diversão, conhecimento, liberdade, uma vida melhor, enfim.

A interpretação do texto, a sua compreensão e a utilização dos saberes e habilidades adquiridos com esta atividade devem ser prioridade nos projetos interdisciplinares e no cotidiano da sala de aula, dando aos alunos a oportunidade de ler todo tipo de material impresso, seja, livro didático, gibis, jornais, revistas, etc., para que o exercício de leitura seja executado no intuito de uma ação transformadora. Pois segundo Resende (1997, p. 121)

Quanto maior o convívio com variadas formas de expressão, e mais variados os meios de se chegar a elas, mais rico e sólido se torna o repertório do homem e mais disponível se torna a sua recepção. Quanto mais se ler – livros e tudo o que se dispõe aos olhos que recolhem, armazenam e transformam -, maior será o mundo, mais próximos estarão as pessoas e mais curtas, as distâncias.

Partindo destes apontamentos desenvolvemos a pesquisa na Escola X da rede pública na cidade de Monte Carmelo-MG em que os sujeitos envolvidos neste trabalho foram os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, juntamente com suas professoras. A referida escola atende nos turnos matutino e vespertino, no entanto realizamos a pesquisa de campo no turno matutino.

Nesta pesquisa foi utilizada a observação participante, com questionários abertos e fechados (dicotômicas). O questionário é a técnica mais utilizada nesse tipo de pesquisa, ele é composto de uma série de perguntas, no qual a pessoa entrevistada deverá responder sem a presença do entrevistador e este deverá ficar no anonimato. O questionário poderá ser estruturado ou não estruturado, o observador sabe aonde se pretende chegar e qual o seu propósito com tal estudo, por isso os meios utilizados para o desenvolvimento do trabalho poderão ser de forma sistemática ou assistemática, depender do contexto. Tanto a pergunta aberta quanto o questionário com respostas fechadas possibilita comentários e explicações que serão relevantes para a interpretação e coleta de dados que nos permitirá produzir novos conhecimentos acerca da realidade observada. O questionário fechado é uma ferramenta importante para a nossa pesquisa pela rapidez e facilidade das respostas, podendo assim traçar um perfil detalhado do sujeito de forma organizada. O questionário

aberto é outro instrumento relevante, por enriquecer as informações, pois este possibilita exposição de ideias de forma livre e evidente.

Quanto à observação participante, se faz necessária, pois o pesquisador fará parte do grupo observado, vivenciando a situação observada. Na verdade, essa observação se trata de uma fase exploratória e fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que permitiu chegarmos mais perto dos sujeitos pesquisados e o ambiente. Como foi realizada em forma de questionário e observação direta ou indireta, visto que ocorreram momentos em que o observador estava presente ou somente observou os diante de registros. Com isso fizemos uma comparação entre as experiências com os relatos obtidos nos questionários. O objetivo principal desta pesquisa foi perceber como as educadoras utilizam a literatura como recurso didático no ensino de leitura na sala de aula e como estes colaboram na formação do educando como leitor. Foram encaminhados 15 questionários às professoras e 30 questionários aos alunos a fim de captar como a literatura infantil é utilizada em sala de aula.

2. DA TEORIA A PRÁTICA OU COMO USAR A LITERATURA DE FORMA CRIATIVA EM SALA DE AULA

Os dados coletados por meio de questionários visaram levantar algumas informações com educadores e alunos buscando perceber suas preferências de leitura, com o intento de mostrar como a literatura pode ser um forte instrumento no ensino e no desenvolvimento dos alunos. As questões elaboradas foram feitas de modo que pudessem ser respondidas com espontaneidade e calma, ficando os sujeitos no anonimato. Para manter o anonimato o questionário foi encaminhado pela diretora da escola que pediu que as educadoras respondessem.

Das professoras questionadas, 50% possuíam apenas formação acadêmica e 50% curso de Pós graduação em Orientação, Supervisão e Inspeção. Num contexto global possuem um olhar e uma postura diversificada sobre o assunto. Até mesmo em se tratando das estratégias e metodologias para atrair a atenção e o interesse dos alunos se

distinguiram bastante. Pode ser até mesmo um diferencial que se tornará importante no ensino-aprendizagem. Embora tenham sido elaboradas algumas questões dirigidas a estes profissionais, nota-se que há uma certa dificuldade por parte das educadoras em ensinar os alunos literatura e como esta pode ser dada em sala de aula para que tenham um bom desempenho e produtividade. Deixando transparecer desta maneira como o profissional está engajado com a área. 99% das professoras há uma perspectiva positiva, para uma existe algo mais importante para ser trabalhado em sala de aula. Pois, segundo a professora² (2012): “não tem necessidade de se trabalhar dentro da sala de aula com a literatura, sendo esta, recurso para o ensino da leitura, por que a criança já lê em qualquer lugar que ela está, então em vez de trabalhar literatura, deve-se trabalhar algo mais relevante”. Mediante este pronunciado, percebemos o quanto ainda existe profissionais despreparados para perceber a importância do incentivo às várias formas de leitura e como utilizar de forma pedagógica a literatura na sala de aula.

A literatura deve ser utilizada para auxiliar no fomento pelo gosto da leitura e consequentemente na elaboração e aperfeiçoamento da produção escrita. Quando esta metodologia acontece de forma prazerosa, resgata o lúdico, desperta a imaginação, relacionando o conhecimento de mundo do aluno com os novos conhecimentos adquiridos na escola. As educadoras entrevistadas fazem uso da literatura em sala de aula quase que diariamente, ou seja, mais que três dias por semana se trabalha literatura por achar que é fundamental na formação integral da criança e consequentemente necessária na vida adulta.

Na ocasião desta entrevista, uma das indagações foi quanto ao interesse dos alunos para com o ensino de literatura, se era possível notar uma recepção ou um desprezo por parte destes. Segundo a professora² (2012), há uma decadência bem relevante quanto ao interesse dos estudantes pelo que se move na literatura pois “ainda lidamos com uma clientela que não valoriza o livro como um melhor presente. No momento em que nossa sociedade valorizar o livro como fonte de informações, teremos mais leitores”.

Essa assertiva é confirmada quando questionamos os alunos sobre seus hábitos de leitura e de seus pais e com que frequência os pais fazem uso da leitura em casa, juntamente com os filhos. A resposta foi 80% negativa em relação à pergunta. Talvez por esse motivo a grande dificuldade nas escolas em encontrar estratégias e metodologias para

ministrar as aulas de literatura, uma vez que grande parte dos educandos tem seu primeiro contato com livros é na escola e o pior é que ainda quase que por unanimidade das entrevistas feita aos alunos, o livro escolar era os únicos que possuíam em casa é utilizado somente na escola, tornando um ato obrigatório e não prazeroso, dificultando o processo de codificação e decodificação do que está lendo. É como a professora 4 (2012) postula:

um dos grandes problemas da educação é que muitos alunos chegam à vida adulta sem compreender adequadamente o que lêem, porque eles não tem o hábito de leitura, nem incentivo dos pais, daí a difícil compreensão de interpretar o que está sendo lido nas entrelinhas.

Quanto mais cedo as crianças construírem o hábito da leitura e tiverem contato com livros, cadernos, jornais, buscando perceber o prazer que a leitura produz, maior será as chances de se tornarem leitores proficientes, ajudando assim no desenvolvimento cognitivo, social e cultural. É preciso ajudar a criança a descobrir o que os livros podem oferecer. Assim sendo, tanto os pais quanto os professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores, orientadores e incentivadores da leitura.

Quando a criança ouve histórias, ela desperta o imaginário, cria e recria ideias, ou seja, ela interage relacionando o mundo imaginário com o real, começa a ver o mundo num outro ângulo, pois

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Várias são as intervenções necessárias que os professores devem fazer dentro da sala de aula para que estas aulas sejam satisfatórias e produtivas, uma vez que as educadoras sabendo das dificuldades que enfrentam, devem usar de todas as ferramentas necessárias para o bom desenvolvimento de seu trabalho. Segundo Guedes (2007, p. 21) “a sala de aula é lugar da criação de um vínculo com a leitura, pela inserção do aluno na tradição do conhecimento.” Diante desse pressuposto, a professora 3 (2012) deixa explícito que

O professor deve ser o modelo de leitor, após a leitura feita pelos alunos deverá ler com entonação e de acordo com a linguagem exigida no livro, fazendo questionamentos para entender as entrelinhas, levando a perceber a mensagem do texto, antes de ler levantar hipóteses do que se trata, para que serve, fazer com que qualquer texto trabalhado em sala o aluno desperte o gosto pela leitura.

Para que isso ocorra, várias são as ações práticas que podem ser feitas em sala de aula para que eles construam o hábito da leitura, seguindo a mesma linha de raciocínio a professora¹ (2012) relata que “primeiramente o professor deve ter paixão pela leitura” pois, segundo comentário de Machado (2001, p.45), “não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aula brasileira estão repletas de pessoas que apesar de não ler, tentam ensinar”.

É fundamental antes de entrar para uma sala de aula, perguntar-nos se temos realmente competência para alcançar os objetivos propostos, uma vez que estamos lidando com pessoas em formação e somos responsáveis pelas mesmas. Temos que gostar da profissão, atuando com humildade e acima de tudo com amor. Ainda de acordo com a professora¹ (2012) é preciso desenvolver estratégias e habilidades:

usando diferentes tipos de textos, fazendo a correta adequação do livro à necessidade e interesse da criança, respeitando sempre o gosto de escolha e a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, a partir daí as coisas acontecem naturalmente.

Desse modo, acredita-se que, a partir do entusiasmo que a criança alimenta pela literatura, surgirá o seu interesse para aprender o código escrito, o qual passará a possuir significado para ela, desenvolvendo suas potencialidades para criar e expor suas idéias, pois a literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

A literatura infantil, nesta medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura - a de conhecimento do mundo e do ser (ZILBERMAN; LAJOLO, 1985, p.25).

A literatura infantil é um instrumento valioso na formação integral da criança, visto que a partir do mundo imaginário é que se cria o mundo real. Relacionando-os para então se tornarem cidadãos autônomos, com mentes férteis, abertas ao novo e críticos diante da sociedade. Sendo assim, a escola torna-se o ambiente ideal para o desenvolvimento dessa autonomia, sendo este o espaço de formação da pessoa, um lugar privilegiado, em que as pessoas buscam abrir caminhos rumo à aprendizagem. Neste recinto, o professor deve ser um mediador, orientador e estimulador entre a criança e o conhecimento, para ampliar os horizontes do aluno. Já para a professora 5 (2012):

É necessário ter gosto pelo que faz. Ser um leitor proficiente, viver o papel na história, usar a criatividade para enriquecer o ambiente de leitura, fazer cantinho de leitura, conto e reconto de histórias, dramatização de textos buscando representar os diversos personagens da história, incentivá-los ao empréstimo de livros para ler em casa e premiando os bons leitores.

Dentro da sala de aula o espaço lhe pertence e, portanto cabe ao mesmo a responsabilidade de criar sempre estratégias que despertem a atenção do aluno. Estas devem sempre ser renovadas, a fim de que não caiam na rotina, pois caso contrário o professor corre o risco de perder o aluno sem este precisar se retirar da sala. Como corrobora Marchi (2007, p. 166),

o melhor mediador – professor – é aquele que, gostando da leitura, sabe explorar um texto propondo atividades de promoção da leitura através de estratégias que atendam os interesses dos jovens.

Ao trabalhar com a literatura usando-a como recurso no ensino da leitura em sala de aula a professora se utiliza da oportunidade de desenvolver a escrita através de produções de texto embasadas em diferentes gêneros textuais, porém deixando sempre a critério dos alunos a escolha dos mesmos, ou seja, escolhendo temas de interesse das crianças, sendo que 70% dos entrevistados preferem gibis, talvez por serem mais divertidos e ilustrados. Já 80% dos entrevistados dizem participar de rodas de leitura em sala de aula. Nas rodas de leitura, o aluno aprende com os outros, pois abre espaço para o questionamento, a pesquisa e o diálogo, levando a criança a expor suas ideias de forma espontânea. Outras estratégias metodológicas utilizadas para despertar o interesse pela leitura seriam filmes, visitas a

biblioteca, roda de leitura, pois segundo as educadoras o contato direto com os livros e as cenas visuais propiciam ao aluno um maior interesse.

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância: e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante (ZILBERMAN; LAJOLO, 1985, p.25).

A professora 3 (2012) menciona que é muito importante a maneira como o “professor repassa as informações, pois é através da curiosidade e do exemplo que o aluno desperta o gosto pela leitura. Então para os alunos, o professor é o espelho da sala, é ele que as crianças vão ter como modelo, seja positivo ou negativo”.

Ensinar é um desafio que lhe exige bem mais do que uma formação acadêmica, é preciso buscar inovações, estar sendo aperfeiçoando e tentar passar algo que seja interessante para as crianças, atendendo também as necessidades e os interesses das crianças, sendo esta um aprendiz e busca na escola novos conhecimentos e serão acrescentados à sua bagagem prévia que já trazem consigo. É o que a professora 6 (2012) disse com toda convicção: “é através da leitura que o aluno vai desenvolver sua aprendizagem, aprender a interpretar o mundo”. Sendo assim, a literatura é uma arte, “propõe vôo, a viagem, as descobertas e as aventuras [...] levando no vôo a bagagem própria [...]” (RESENDE, 1997, P 22), e sendo uma arte, é um espaço de liberdade com papel de humanizar que deve ser utilizada como relevante recurso para abordar outras áreas de ensino, pode ser utilizado como instrumento didático, a fim de construir nos alunos certo nível de criticidade, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes e auto realizados.

Cândido (2002, p.85) salienta que

[...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele.

Quando o sujeito mergulha numa leitura ele consegue ser tocado através de uma identificação com o texto. E isso lhe desperta uma sensibilidade que o torna capaz de

perceber além dele mesmo, perceber o mundo e captar informações deste, trazendo para fora de si o desejo de aprendizagem. Além disso, quando o leitor se identifica com o texto, ele adquire um conhecimento espontâneo e autônomo a partir de sua experiência como leitor.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do instante que passamos a ver a literatura de um outro ponto de vista lúdico e pedagógico, ou seja, não apenas como meio de transmissão de conhecimentos de grandes escritores e obras, e sim como ferramentas para construção no intento de formação de cidadãos ativos, criativos e pertinentes, capazes de sobreviver em diferentes contextos sociais, teremos então uma literatura que vale a pena ser ministrada em sala de aula. Ao compreender a importância da literatura e fazermos dela uma ferramenta de trabalho para melhor desempenho no ensino de leitura na sala de aula estamos propondo, a todos os envolvidos no processo, uma ação transformadora da realidade e da educação.

Esta pesquisa de campo foi bastante produtiva, nos trouxe uma gama de conhecimentos em que aproximamos mais da realidade e confrontamos a prática com a teoria promovendo então uma ação-reflexão-ação, pois compreendemos a importância que a literatura desempenha no processo de formação da criança.

Constatamos que desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo contínuo, complexo e árduo, porém quando desenvolvido de forma adequada é gratificante. Sendo necessário a contribuição dos pais e dos professores para que o resultado almejado de forma positiva. Cabe aos pais a função de motivar o aluno deste cedo, ou seja, em casa e, aos profissionais da educação, o papel de incentivá-los e fazê-los gostar de ler, aperfeiçoando na escola o hábito da leitura e dando segmento para o resto da vida.

Se acreditarmos que conseguiremos mostrar às crianças o prazer que um livro proporciona, o mundo mágico que existe dentro dele, com certeza vamos estar contribuindo para uma boa formação dos mesmos. Pois é através desta percepção que a criança irá conseguir a desvendar e se constituir como sujeito ativo e co-autor. A literatura infantil interage com a criança, no momento em que a criança vai reorganizando conceitos a partir da leitura do texto e formando novos significados para o mundo real expresso através do mundo imaginário, permitindo vivenciar e superar medos e outras emoções.

Percebemos que quando o professor dispõe de certos talentos, metodologias e estratégias diversificadas para ministrar aulas voltadas para a literatura, de forma que estas sejam convidativas e prazerosas, a criança aprende brincando em um mundo de imaginação, sonhos e fantasias, beneficiando na escola não só uma disciplina, mas todas as demais. E ao mesmo tempo levando este aluno a encarar situações externas às salas de aula nos diferentes contextos sociais de forma ativa e crítica.

Para tanto é necessário o compromisso do professor neste processo, incentivando e fomentando o gosto pela leitura, sendo para isso necessário que ele tenha conhecimento literário, seja um pesquisador e um leitor proficiente, só assim poderá propiciar condições para que o aluno se torne um leitor e contribua para a formação cidadã destes indivíduos além dos muros da escola.

Internalizando a importância deste estudo, falar em conclusão de pesquisa se torna algo ilusório e muito distante, visto que este trabalho será apenas um ponto de partida de uma longa trajetória que ainda pretendo caminhar.

4. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e Bobices. 4ª ed., São Paulo: Spicione, 1997.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 5ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

CANDIDO, Antonio. **Textos de investigação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler**: Vencendo o fracasso. São Paulo: Cortez, 2000.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. 7ª ed., Campinas: Pontes, 2000.

LUDKE, Menga e MARLI E. D. A. André. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Ilhas no tempo**. 1ª ed., São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura infantil & juvenil**: Vivências de leitura e expressão criadora. 2ª ed., São Paulo: Saraiva, 1997

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. Métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa. **Metodologia de pesquisa**. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2006, p. 99-115.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed., São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.